

Artigo		
Cliente: Som Alternativo	Função: Copywriting	Idioma: Português

Optimus Primavera Sound – dia 1

O Optimus Primavera Sound não é igual aos tantos outros festivais que por esta altura começam a acontecer, de norte a sul do país. E ainda bem.

A primeira coisa que salta à vista quando se entra no recinto é a beleza natural do espaço, que quase parece ter sido pensado para a realização daquele tipo de evento e que foi aproveitado da melhor forma pela organização do festival.

Áreas bem distribuídas, entre palcos, restauração e zonas de lazer, e um manto de relva fazem inveja a muitos festivais portugueses, ao mesmo tempo que depressa esquecemos que estamos em plena cidade do Porto, perto de quase tudo, e nos deixamos levar pelo cenário à nossa volta.

O segundo ponto positivo é que não somos invadidos por brindes, ofertas e promotores de stands dos patrocinadores ao despique, a ver quem corre mais pelas t-shirts que estão a distribuir. No Optimus Primavera Sound não há distrações, rodas gigantes ou outro tipo de entretenimento que pouco ou nada têm a ver com música.

Por último, e talvez o factor que mais tem influência para que o ambiente deste festival não seja o do típico festival de verão, o público. Na sua maioria são estrangeiros, vêm pelas bandas, assistem religiosamente aos concertos enquanto saboreiam um copo de vinho da região (sim, no Optimus Primavera Sound há até um wine bar!) e apreciam a paisagem verde à sua volta.

Logo por todos estes motivos, a aposta de estender ao Porto o mítico festival de Barcelona, estaria já ganha. Mas a juntar a isto havia ainda o cartaz, com grandes nomes da música alternativa, veteranos e novas estrelas da cena musical. O primeiro dia arrancou com a ameaça da chuva, que por momentos chegou mesmo a cair, preocupando os festivaleiros, mas com grandes concertos. Como em qualquer festival, havia que fazer escolhas, difíceis neste caso, e concentrarmo-nos em alguns dos nomes do cartaz.

Ainda com a luz do dia Yann Tiersen ocupou o palco principal, o Palco Optimus, acompanhado pelo seu violino e restante banda. Longe vão os dias das músicas minimalistas e românticas da banda sonora do filme “O fabuloso destino de Amélie Poulain” e quem o vai ver ao vivo à espera desse tipo de sonoridade desengane-se. Em vez disso depara-se com ambientes que variam entre o introspectivo, o eléctrico e o nocturno, com grande entrega e intensidade em palco, mas nem sempre os melhores para este tipo de evento.

Um pouco mais tarde, no Palco Primavera, os Drums começavam a tocar, e tentavam desde logo conquistar a plateia, dizendo que o Primavera era um dos seus festivais preferidos e como estavam contentes por ali estar.

A primeira parte do concerto adivinhava uma actuação enérgica, na sua maioria centrada do último álbum da banda “Portamento” mas nem o à vontade em palco do vocalista e a frequente interacção com o público evitaram que caísse um pouco na monotonia.

Por esta altura já alguns dos festivaleiros ficavam impacientes pela actuação no palco do lado (no primeiro dia do festival a organização optou por alternar as actuações apenas entre dois palcos, lado a lado). Afinal tratava-se de um regresso aguardado e de uma banda que mantém uma relação de várias décadas com o público português, os Suede.

Se há regressos de bandas que voltam a reunir-se que desiludem, porque a chama já não é a mesma, com os Suede isso claramente não acontece.

O alinhamento passou fundamentalmente pelos três primeiros álbuns do grupo, “Suede”, “Dog Man Star” e “Coming Up”, mostrando que músicas como “Animal Nitrate”, “Filmstar”, “Metal Mickey” ou “She” continuam a fazer todo sentido ao vivo.

O mesmo se aplica à banda, com destaque óbvio para o front-man Brett Anderson que continua a tratar o palco por tu, a mexer-se de forma provocatória e a piscar o olho à assistência.

Nem os problemas com as luzes de palco pararam a banda, que de forma profissional continuou a tocar e a fazer a festa, com direito até a um encore que proporcionou um dos momentos mais bonitos da noite, ao som do épico “Still Life”. Quando a actuação dos britânicos terminou era a vez de os Mercury Rev subirem ao palco ao lado, mas depois de um concerto tão memorável dos Suede tornava-se necessário descansar e reunir energias para um dos nomes mais fortes do cartaz do primeiro dia do Optimus Primavera Sound, os Rapture.

Já passava das duas da manhã quando os elementos da banda nova-iorquina começaram a ocupar o palco, um a um, para dar o pontapé de saída com “In the grace of your love” tema título do seu último disco.

Daí para a frente foi impossível ficar parado e não dançar ao som do rock-funk-electrónico, típico da escola DFA, e não se deixar levar. E o público respondeu de tal forma à chamada que ignorou que o som nem sempre foi o melhor ou os deslizes do baterista e foi à histeria em momentos como “House of Jealous Lovers” e o primeiro single do último álbum, “How Deep Is Your Love”, que fechou a noite.

No dia seguinte haveria mais.

Autora: Vanessa Rôla